

Officina de composição
e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Homem de C. Christo
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 434

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantoes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

ESTAVA PREVISTO!

Estava previsto e era fatal. Porque estava previsto e era fatal é que aconselhavamos vivamente, insistentemente os republicanos a que mudassem de rumo. Não quiseram. Não só não quiseram como se revoltaram contra nós. Não só se revoltaram contra nós como nos fizeram e contra nós sancionaram verdadeiras infamias.

Estava previsto, era fatal, e só o não previa, e só não o calculava esta insanía republicana que, á força de ser tão repetida, já se não pôde explicar senão como um estygma de raça.

Estava previsto que, ao contrario do que affirmava Bernardino e outros, era possível e bem possível regressar aos processos de força. Estonteados, como todos os simples, por um momento de successo, incapazes, como todos os simples, d'averiguar a exacta razão das coisas, os dirigentes republicanos, em vez de verem na quèda de Hintze Ribeiro uma manobra imposta pelas necessidades urgentes da occasião, só viram n'ella a fraqueza, a inuidade, a morte da monarchia, que uma simples arruaça, embora sangrenta, lançava dos recursos mais violentos na mais formal abdicacão!

A Bernardino ouvimos nós dizer por muitas vezes, energicamente, firmemente, como quem está muito convencido do que diz, a Bernardino ouvimos nós dizer por muitas vezes, pasmados de tanta bacoquice: «Já não é possível regressar aos processos violentos!»

E assim pensavam todos. Bastava ouvi-los na camara, nos concios, nas conferencias populares. Bastava lê-los na imprensa.

«Parece—escreviamos nós aqui em 15 de julho de 1906 fulminando as fanfarronadas geraes dos republicanos que, tinhamos d'isso a plena certeza, haviam de redundar na mais completa sendeirice—parece que a monarchia já não subsiste senão pela nossa tolerancia e que João Franco já não traz as costas direitas senão pelo nosso espirito de bondade!»

Famosa bacoquice! Formidável insanía!

Era de ver que ao throno não convinha lançar mão de recursos extremos em cima da revolta dos marinheiros, a par do descontentamento dos officiaes do exercito, que andavam irritados por não serem satisfeitas as suas exigencias d'augmento de soldo, e sem experimentar primeiro o *governo liberal* para tirar ao mundo as *illusões*. Estava chegado o momento da *experiencia liberal*. A *experiencia liberal* impunha-se. E impunha-se não só por considerações internas como até por considerações externas. Qual era, senão o interesse, pelo menos o desejo do throno em face d'ella? Que se mallograsse. Qual era o interesse dos republicanos? Que se mantivesse. Pois os republicanos appressaram-se a ir adeante dos desejos do throno!

Famosa bacoquice! Formidável insanía!

Era velho o plano da dictadura militar. Todo o mundo o conhecia. Cem vezes elle tinha sido annun-

ciado. Fóra posto de parte com a subida de João Franco ao poder? Não. Fóra, mais do que nunca, acalentado, mais do que nunca projectado. Como o demonstrava toda a teia que vinha tecendo o ministro da guerra. O ministro da guerra não servia de pretexto aos jornaes senão para troca da sua *actividade kilométrica*. Não viam, os imbecis, que se andava allí tecendo uma teia pavorosa! Que n'aquelles projectos submettidos á camara, que n'aquellas visitas constantes aos quartéis, que em circulares insidiosas, que em decisões venenosas, que em augmentos de soldo, de subsidios para renda de casa, de subsidios de residencia e marcha, que em todo aquelle esforço continuo e patente de captacão do exercito estava não só a prova de que o poder não pozera de parte o velho plano da dictadura militar, não só a prova de que o poder não acreditava no exito da *experiencia liberal*, não só a prova de que essa experiencia não era feita com sinceridade, como a prova de que estava chegado o momento do velho plano ser executado!

Que bacoquice! Que imbecilidade!

O que esperavam?

A fallencia dos partidos, essa vergonhosa fallencia a que estamos assistindo, era inevitavel. N'um paiz onde os interesses populares tem sido votados por todos, monarchicos e republicanos, ao mais profundo desprezo, não podia haver uma grande corrente d'opinião publica. O que fez, para educar o povo, a iniciativa republicana? Sabe-se como a iniciativa particular tem valido mais, nos paizes avançados, do que a iniciativa publica, para educar as multidões. Em Portugal, a iniciativa particular deveria partir, naturalmente, dos republicanos. O que fizeram elles? Julgaram ter cumprido o seu dever fundando meia duzia d'escolas em meia duzia de centros partidarios? Não fizeram nada. Prometteram tudo para quando viesse a *republica*. Delegaram tudo no futuro Estado, deixando assim demonstrado que o seu valor civico não estava acima do valor civico dos monarchicos. Sem iniciativa e sem abnegação moral e material, nem ao menos souberam agitar na imprensa as grandes questões que instruissem, que moralisassem, n'uma palavra, que educassem.

Como podia o povo ter opinião, n'um paiz onde monarchicos e republicanos desprezavam a educação do povo d'uma maneira tão formal?

A classe dirigente, alem de ser, em regra, profundamente ignorante, estava alistada nos partidos. Mas os partidos eram associações de interesses, e mais nada. Os partidos eram simples meios dos partidarios, licita ou illicitamente, se *governarem*. D'estes, os que visavam interesses materiaes, visavam a satisfacção de miserias vaidades. Tudo, emfim, mesquinha. Tudo, emfim, materialidade. Nenhum nobre ideal gniava chefes ou soldados. Nenhuma convicção os unia,

nenhum laço moral. Hintze Ribeiro dizia em pleno parlamento: «O governo não dá ordens a sua magestade; recebe-as do seu soberano e cumpre-as.» Alpoim escrevia na imprensa que a monarchia fazia muito bem em fechar as portas de S. Bento aos republicanos. José Luciano usava, como todos, da censura prévia e d'outros meios affrontosos da liberdade. Todos esses dictos, todos esses processos, todos esses meios desmoralisavam as classes dirigentes, sem exclusão dos partidarios. Ninguem acreditava em coisa nenhuma. Ninguem tinha fé. Todos falavam, procediam e pensavam concios da propria e alheia indignidade.

Para não faltar coisa nenhuma, o partido republicano apressava-se a completar a desmoralização monarchica. Se os membros dos partidos monarchicos não tinham exemplos que estimulassem ou fortificassem a sua fé, antes tudo era de natureza a esmagar a pouca que podessem possuir, o mesmo succedia aos membros do partido republicano. Os proprios fanaticos sentiam que a consciencia os atormentava. Não se podia, por mais que se quizesse, negar as podridões de varios chefes republicanos. Não se podia, por mais que se quizesse, negar em outros a mais estupenda vaidade. Era patente que o partido republicano se dividia em vergonhosas *panellinhas*. Impossivel esconder que um odio profundo dividia os irmãos d'essas irmandades. Tudo materialidade, tudo mesquinha-ria como nos partidos monarchicos.

Quem podia esperar, na hora propria, grandes actos d'abnegação ou d'energia em partidos constituidos e educados por tal fórma? Quem? Só um tolo!

Era fatal esta fallencia vergonhosa. Porque isto a que estamos assistindo não é outra coisa senão uma quebra fraudulenta, senão uma fallencia vergonhosa.

A essa falta de força de consciencia nos partidarios correspondia a revolta da consciencia nos que estavam filiados em partido nenhum. A estes—aos quaes se convencionou chamar os *indifferentes*—não se ouvia falar dos partidos senão com indignação ou com nojo. Pertencia a esta massa a grande maioria agalooada dos quartéis. Não havia entre os officiaes dedicacões monarchicas, nem afnuidades regeneradoras ou progressistas. Só quem viveu no meio d'elles sabe como nos quartéis se falava do throno e de qualquer dos partidos monarchicos militantes. Andam ali ingenuos a suppôr que ha nos quartéis numerosos officiaes filiados no partido regenerador e progressista e que se revoltarão no dia em que se revoltar qualquer d'estes partidos. E' um erro, como muitos outros. São rarissimos os officiaes arregimentados pertencentes ao partido regenerador e ao partido progressista. O official arregimentado, na sua quasi totalidade, não tem politica. O que tem politica anda... *na politica*. Não está nos quartéis. Está nos *nichos*, como se diz nos proprios quartéis. O official arregimentado não só não tem politica como não tem sympathia nenhuma pela politica. Detesta os partidos monarchicos e pôde-se dizer que detesta até mais alguma coisa dentro da monarchia. Mas tambem—falamos sempre da grande maioria—não conseguiu nunca adquirir amor pela republica. Falta-lhe a instruc-

ção, a educação necessaria para adquirir, independente dos homens, amor aos principios. Só uma forte instrucção com uma grande orientação pôde fazer amar a democracia unicamente pela democracia. Essa instrucção, essa orientação é rara. E' mesmo rarissima. O geral dos homens deixam-se guiar exclusivamente pelos *exemplos*, pelos *factos*, pelo que os seus olhos e o seu cerebro veem e analysam dia a dia na vida real, sem averiguar a razão exacta do que vêem nem tirar deducções philosophicas para o futuro. Ora não se calcula o effeito desastroso nos quartéis dos actos da vida partidaria dos republicanos. A sua imprensa era vista com mais nojo ainda do que a imprensa monarchica. E comprehendese. Exigia-se mais, naturalmente, á imprensa republicana. O *Mundo*, sobretudo, era considerado um papel ignobil. Admittia-se que o partido republicano não fechasse a porta, porque não era fácil fecha-la, a todo o fiel patife que quizesse entrar. Mas não se admittia que o partido republicano desse a sua representação parlamentar, elegesse para o seu directorio, mettesse na sua imprensa, desse, emfim, a sua direcção a homens desacreditados, alguns d'elles com crimes tamanhos como os dos mais dissolutos dos monarchicos. Naturalmente simples, naturalmente opposto a fantochadas, o official ria-se ás gargalhadas das festas ridiculas, dos exaggeros d'apothese, das glorificações comicas feitas a toda a hora pelos republicanos aos seus deuses. E se o escandalo mata, não mata menos o ridiculo.

Posto tudo, chegámos a isto.

O povo, desprezado pelos monarchicos, nunca foi amado pelos republicanos. Os republicanos especulavam com o povo. Mas nunca amaram o povo. Esta é que é a verdade. Essa falta de amor sentia-se em tudo. Não só nos actos; nas proprias palavras. Como não amassem o povo, nunca os republicanos se dêram ao trabalho d'educar cuidadosamente o povo. E, na hora precisa, o povo faltou-lhes. Não podia deixar de lhes faltar.

As classes dirigentes, ou estavam filiadas nos partidos ou abstinham-se dos partidos. As que estavam filiadas nos partidos monarchicos só se deixavam influenciar pela vaidade do *mando* ou pelo interesse. E esse mobil nunca produziu revoluções. As que estavam filiadas no partido republicano, alem de soffrerem da palermice doentia dos sentimentaes de nascimento, tinham a consciencia a roê las pelos exemplos funestos dos seus chefes, de natureza, não a fortificar, mas a abalar convicções.

As que não estavam filiadas nos partidos, não eram propriamente de pessoas *indifferentes*, mas de pessoas de fundo honesto que se não conformavam facilmente com patifarias. Para attrahir essas era preciso dar-lhes exemplos de virtude, convence-las com esses exemplos. Não o podiam fazer os partidos monarchicos. Não o quiz fazer, ou não o soube fazer, o partido republicano.

Que restaria então, na hora propria? A força do poder. Porque o poder tinha auctoridade? Porque o poder era honesto? Não. *Porque era poder*, simplesmente. A força do poder não vinha das suas qualidades intrinsecas. Vinha do unico

facto de ser poder e da fraqueza extrema dos adversarios para lhe destruir essa vantagem. Vinha da *liquidacão vergonhosa dos partidos*.

Os Brunos, os Caldas, e outros magnates da republica insultam agora o paiz como os chefes monarchicos o tem feito tanta vez. *A culpa é do povo. A culpa é do paiz. Não ha homens n'esta terra. Isto é uma nação perdida*. Mas se não ha homens, a falta de homens começou precisamente nos homens que osam agora pedir contas ao povo, ao paiz. Mas se isto está perdido, a perdicão começou exactamente nos Brunos, que faziam revoluções com Santos Cardoso, o modelo d'Eça de Queiroz para o seu Palma Cavallão, nos Caldas, que fazem a apothese de Affonso Costa, e em todos aquelles que no partido republicano nunca tiveram o elementar decôr e habilidade de não dar a bandicão ou homens sem verdadeiro talento e sem credito a primasia partidaria.

Não. A culpa não é do povo. Não. A culpa não é do paiz. A culpa é dos partidos, que se converteram todos em quadrilhas e que, como ignobeis quadrilhas, liquidam fraudulentemente n'esta hora amarga, n'esta hora triste.

Estava previsto. E realiza-se a previsão.

REACCIONARIOS

Sob o titulo *Justificando* publicava a *Lucta* de terça-feira ultima este primoroso echosinho:

«Alguem estranhou termos dito outro dia que a França não é paiz modelo em materia de instrucção, não sendo absolutamente honroso para as suas instituições republicanas o que n'esse ramo de serviços publicos tem feito no periodo largo de quasi quarenta annos. Uma estatistica recente, do mez de junho ultimo, diz-nos que em 153 communas faltam escolas, em 429 as escolas são insufficientes para a respectiva população escolar, e em 496 as escolas ficam a distancias taes de pequenos centros de população, que não pôdem ser devidamente frequentadas. De tudo isto resulta, como dissémos, que a percentagem de analfabetos, em França, não sendo para comparar com a nossa, é das peores entre as nações altamente civilisadas. Não o dizemos nós, é a estatistica! Com vista...»

E' tão reaccionario o echosinho que fica a gente em duvida se foi Camacho se foi Menezes quem o escreveu. Para estar certo deveriam ter sido os dois, e foram com certeza. Em se tratando d'assumpo que metta beliscão na democracia já se sabe que ha *collaboração a duo*.

A França não pôde ainda ser modelo, realmente, em assumptos d'instrucção. Mas só por muita ignorancia, ou por espirito profundamente reaccionario, algum será capaz de attribuir a culpa, como attribue João de Menezes, ou Camacho, aos governos republicanos. E ninguem, ao dizer isto, nos pôde accusar de *jacobinismo* ou de parcialidade. Toda a gente tem visto que não somos d'aquelles que applaudem tudo que se faz em França pelo simples facto da França ser regida por instituições republicanas. Mas justiça acima de tu-

do. Censurem-se os homens publicos de França, censurem-se os governos republicanos, quando haja motivo para isso. Mas applaudam-se em caso contrario. Ora,—sabe-o todo o mundo, não o nega ninguem em França nem no estrangeiro—ora se algum assumpto ha em que os governos republicanos tenham demonstrado em França zelo e esforço é o assumpto instrucção.

«Por mais valente, mais tenaz e mais feliz (Simyan—Rapport sur le budget de l'instruction publique—1904) que tenha sido o esforço da Republica n'outros pontos, por exemplo: para se constituir um forte exercito nacional ou para introduzir nas leis sociaes mais justiça e liberdade, em nenhum ella applicou melhor os seus principios e se aproximou mais do seu ideal que na educação da mocidade franceza.»

«O governo da França (Gaston Rouvier—L'Enseignement Public en France au Debut du XXe Siècle) é um governo d'opinião. Os seus homens d'Estado comprehendem que fariam obra sobre alicerces d'areia enquanto não tomassem por base a instrucção do povo. «Antes de chegarmos ao suffragio universal, escrevia João Macé em 1882, deveriamos ter passado por trinta annos d'instrucção obrigatoria. «Foi a falta capital dos homens de 1848, que decretaram o suffragio universal, sem decretarem a instrucção obrigatoria. A terceira Republica aproveitou a lição. Vêr-se ha como ella soube reorganisar o ensino publico nos seus tres graus, tornando o ensino primario obrigatorio, gratuito e secular; o ensino secundario mais pratico, mais variado, mais vivo; e abrindo novos horizontes ás nossas velhas Universidades. Vêr-se ha como ella elevou os creditos orgamentos, para a instrucção publica, desde 1885 até 1904, de 139.571.000 francos até 223.908.000 francos annuaes. Mas, acima de tudo, registemos a fé, o methodo, a perseverança com que essa tarefa foi realisada e o accordo unanime de todos os ministros da instrucção nos ultimos trinta annos. Republicanos de varias cores, como Julio Simon, Bardoux, Julio Ferry, Spuller, Fallières, Poincaré, Jorge Leygues, Chaumié, o sábio Berthelot, Goblet, Bourgeois, Combes, todos trabalharam com resolução e continuado esforço na reorganisação do nosso ensino nacional.»

«Em 1878 (Devinat—Enseignement et Démocratie) havia nas escolas publicas 46.000 professores; em 1902 havia 58.000, ou sejam mais 12.000. Em 1878 havia 34.000 professoras; em 1902 havia 51.000 ou sejam mais 17.000. Assim, o pessoal do Estado augmentou, só no ensino primario, em 29.000 professores e professoras.»

«Durante (Boitel, idem) o periodo que vae de 1850 a 1881 basta-nos escrever a palavra nada para demonstrar o estado do ensino primario superior.»

Para que mais citações? Pode-las iamos fazer, numerosas e accordes. E talvez o façamos, não só em relação á instrucção elemental como a toda a instrucção da Republica franceza. Talvez o façamos, que é indispensavel um castigo nos figuretas anarchistas, tão cheios de ignorancia como de propositos reaccionarios. Mas ficará isso para outro dia.

Camacho, João de Menezes, ou os dois collaborando no mesmo echosinho, queriam talvez lamentar a falta das escolas congreganistas. Queriam, certamente. Pois não são elles d'opinião que se não deve agitar a questão religiosa deante do povo? Pois não affirmam elles que a questão religiosa é das taes que só se pôdem resolver depois da vida do novo Mathusalem? Queriam, certamente. E, n'esse caso, Camacho, João de Menezes, ou os dois tinham razão. De facto, pela lei de 7 de julho de 1904 foram extintas em França todas as escolas congreganistas. A lei fixou o praso maximo de dez annos para a completa extincção d'essas escolas. Mas das 18.618 que existiam no anno lectivo de 1895 a 1896 já poucas restam. E é essa falta, sem duvida, que sente Camacho, João de Menezes ou os dois, e que

Camacho, João de Menezes ou os dois lamentam como pouco honrosa para as instituições republicanas.

Não pôde ser senão isso. Poder-se-hia dizer ainda que era a mania do imperialismo ou a germanophilite de que soffrem varios cerebros equilibrados n'este glorioso Portugalorium. Mas se dermos credito a um homem que sabe a valer de coisas germanicas, não só em França ha lapsos d'instrucção.

Vejamos o que diz Reybel n'um artigo sobre a Alemanha, publicado n'uma das melhores revistas francezas. Vae mesmo em francez para que os honestos cavalheiros da Lucta não duvidem.

«L'enseignement primaire public est dans un triste état. A l'heure actuelle plus de 3.000 postes d'instituteurs sont vacants, faute de postulants; 9.663 classes sont insuffisantes pour recevoir leurs élèves. Les instituteurs, très mal rétribués, sont placés sous la surveillance étroite des clergés.»

Ora, depois d'isto, não restam duvidas nenhuma de que Camacho, João de Menezes ou os dois censurando os republicanos francezes, que tem feito esforços herculeos para remediar o mal que a monarchia e o imperio deixaram lavrar tão fundo, embora não tenham conseguido ainda remedia-lo por completo, Camacho, João de Menezes ou os dois, censurando os republicanos francezes e chorando a forma pouco honrosa porque se tem honrado as instituições em França não quizeram senão lamentar... a falta de 18.618 escolas congreganistas, que as instituições republicanas de forma tão pouco honrosa supprimiram.

Não ha duvida. E como havia de have-la se, sob certo ponto de vista, as faltas da França são as faltas da Alemanha, que tem o seu serviço d'instrucção montado ha quasi um seculo? A differença é a França já não ter ensino religioso e na Alemanha estarem os professores... placés sous la surveillance étroite des clergés.

E' o que lamenta Camacho e João de Menezes, anarchistas in illo tempore e hoje burguezes cotados entre a burguezia predominante.

Cartas de Lisboa

29 DE NOVEMBRO.

Não conheço melhores palavras, para definir esta desgraçada situação, que as palavras que eu escrevi ao ser proclamada a dictadura. Vou repeti-las. Ouça-as e pense sobre ellas quem quizer. Quando eu as escrevi ninguem me acreditou. Todos me imaginaram a delirar. Pois então ouçam agora, pensem, e tornem a dizer que estive a delirar, se quizerem.

No dia 19 de maio d'este anno escrevia eu n'esse Povo de Aveiro:

«Está, emfim, proclamada a dictadura. E sobre esse facto borda cada um os comentarios que mais convem ao seu interesse ou aos interesses da sua facção.

Sabem os leitores muito bem que não succede connosco a mesma coisa. Somos a unica pessoa,—e temos com isso um especial prazer,—que diz o que pensa, só o que pensa, no jornalismo portuguez, agrada a quem agrada e desagrada a quem desagrada.

Reprovámos, escusado é dizê-lo, abertamente a dictadura. Por isso mesmo aconselhámos insistentemente os dirigentes republicanos, como meio possivel e provavel de a evitar, a que se mantivessem rigorosamente no campo dos principios, fugindo de todos os erros e excessos que podessam provoca-la ou justifica-la. E, por isso mesmo, impomos agora aos dirigentes republicanos a inteira responsabilidade do seu procedimento.

Responsabilidade tremenda, diga-se com inteira verdade e com inteira justiça. Em consciencia ninguem pôde dizer que não sejam os dirigentes republicanos os maiores culpados da dictadura. Quem quizer ver as coisas serenamente, livre de todas as paixões, ha de reconhecê-lo e confessá-lo. Poderia vir a dictadura, por mais correcta que houvesse sido a attitude dos republicanos. Poderia, não só era possivel, como era provavel. Admittimos sempre, como se sabe, essa hypothese. Mas, alem de não ser o mais provavel, outra, muito outra seria, n'esse caso, a situação dos republicanos. Ninguem lhes poderia imputar responsabilidades,—exactamente o que convinha,—d'um facto odioso e perigoso. Odioso sob o ponto de vista dos principios. Perigoso sob o ponto de vista dos interesses do paiz e dos proprios interesses do partido republicano, que só teria a ganhar com a sua attitude provocadora se tivesse elementos para fazer a revolução, que tanto apregoava. Não os tendo, se não perdeu tudo perdeu muito mais do que ganhou.

Convinha, pois, que se não podesse attribuir aos republicanos nem a exclusiva responsabilidade, nem a maior culpa e nem sequer parte da culpa do que aconteceu. Infelizmente todos estão autorisados a attribuir-lhe toda a culpa com probabilidades de acertar, e, pelo menos, sem duvidas para ninguem, a melhor parte ou uma boa parte d'essa culpa.

Isto na melhor hypothese, queremos dizer, mesmo ao caso da dictadura se consummar por mais habil e prudente que houvesse sido a conducta do partido republicano. Mas consummar-se-hia?

João Franco tinha toda a conveniencia em se manter dentro das suas promessas. Toda a conveniencia. E' preciso não esquecer. Fosse ou não fosse sincero nos seus apregoados propositos liberaes. Iniciava um periodo novo. E isso nobilitava o. E isso dava-lhe força. Era a unica maneira de não se confundir com os outros chefes monarchicos. Sahir d'ahi era perder-se. Era matar-se. Porque para governar á moda de José Luciano e de Hintze Ribeiro lá estava José Luciano e lá estava Hintze Ribeiro. Resultava inutil João Franco. Inutil e ridiculo.

Não teria visto isto João Franco? Quem o pôde admitir? Mas podia João Franco manter-se no campo liberal depois da attitude aggressiva, desordenada, violenta, provocadora dos republicanos? Não. Também é preciso ser tolo ou velhaco para não o reconhecer. Não, que não lh'o permitiam as intrigas dos monarchicos e as intrigas das camarilhas palacianas. As intrigas dos monarchicos e as suas violencias. Porque no fim de contas a especulação monarchica era tão violenta e tão desordenada como a asneira republicana. E ainda por causa d'esta asneira. Os republicanos, no seu papel eterno de simples instrumento das opposições monarchicas, davam áquellas especulação pasto succulento.

Que restava, pois, a João Franco? Dentro dos principios, dentro mesmo da sua dignidade, depois das affirmações mais solennes, mais terminantes, mais categoricas que havia feito em sentido liberal, só uma coisa correcta lhe restava: vir-se embora. Mas João Franco não é para isso. Era indispensavel contar com o seu temperamento. Com elle deviam contar, com elle teriam contado os dirigentes republicanos, se fossem sinceros e se fossem habéis. E dizemos se fossem sinceros e se fossem habéis, porque se alguns eram sinceros outros havia que nem eram sinceros, nem eram habéis. N'este caso estavam os peores, isto é os que mais aggressivos se mostraram contra João Franco, e que foram Bernardino Machado, homem cheio de rancores, que não perdoava a João Franco as rivalidades do ministerio regenerador de que ambos fizeram parte, e Affonso Costa, que queria adquirir, ou conservar, como o mais valente, predomínio entre a plebe, sempre revolucionaria e exaltada. A estas pequenas coisas estão sujeitos muitas vezes os altos interesses d'uma democracia ou d'um povo.

João Franco não era para isso. João Franco não era homem que por amor dos principios apanhasse e calasse. O seu temperamento de valentão surgiria logo. E responderia com bordoadas á bordoadas.

Era inevitavel. Era fatal. De forma que era muito provavel que vingasse, senão completamente em grande parte, a experiencia liberal de João Franco, se os republicanos houvessem procedido com amor e respeito dos principios e com o necessario senso pratico.

Suicidou-se João Franco, exclama-se. Mas porque? Annullado estava elle, desde que lhe era impossivel manter o seu programma liberal. Annullado estava elle. Só lhe poderia restar uma esperança: vir a ser chefe do partido progressista. Mas essa esperança era muito frouxa, por muitas causas, e uma d'ellas porque as peruas do sr. José Luciano, essas pernas que já foram a desgraça do sr. Alpoim... recusaram.

Annullado estava elle. Poderia haver situação mais mesquinha que a sua, reduzida a uma especie de famulo do sr. José Luciano de Castro, e ainda com a obrigação de fazer venia ao sr. Hintze Ribeiro? Não. Morra Martha, morra Marta.

Toda a gente chama tolo a João Franco. Pois, francamente, nós não somos d'essa opinião. Para nós, o homem não se suicidou. O homem procurou simplesmente livrar-se do suicidio. Ponde de parte a questão de principios, é claro.

Das duas uma: ou elle mantem a dictadura, ou não mantem. Mantem? E faz uma boa dictadura? N'um paiz de valentões, de brutos, onde o prestigio da força ainda é o maior de todos os prestigios, João Franco, então, salvou-se. Fica sendo o primeiro entre os primeiros. E' pela certa. E como duvidar, se os primeiros que tratam os principios a pontapé, se os primeiros

que os desprezam, se os primeiros que zombam d'elles, se os primeiros que se mostram brutos e adoram o prestigio da força são exactamente os republicanos?

Não duvidem. E' pela certa. N'esse caso João Franco codilha monarchicos, codilha republicanos, codilha-os a todos. Fica sendo um grande homem, o maior homem d'esta terra.

Mas não mantem a dictadura? Que perdeu? Nada. Em vez de cahir á capucha, cahe com estrondo. E para este paiz de brutos, de selvagens, que o barulho encanta, como aos pretos, ainda mesmo por esse lado ganhou.

Sobre as probabilidades de duração da dictadura nada diremos. Mas João Franco bem devia calcular que ia ter todos os partidos contra elle. E o rei também! Vae o rei exautorar-se despedindo amanhã o ministerio? Que se ponha qualquer no seu lugar, e que responda. Quando se fazem coisas d'aquellas já se conta com as peores eventualidades. Não. O rei só despediria amanhã o governo se visse o throno em perigo. E nem o sr. José Luciano, nem o sr. Hintze Ribeiro, nem o sr. Bernardino Machado são creaturas para pôr o rei em tamanha contingencia.

Não nos parece que a dictadura seja longa. Mas tambem nos parece que não cahe já.

E eis, segundo nós, o aspecto verdadeiro da situação.

Em 26 de maio continuavamos: «Ora se nós fossemos vaidoso, como pretendem varios imbecis, que não nos perdoam a nossa falta de commiseração, não pela sua imbecillidade, que por essa te la-hiamos, mas pela sua petulancia, se fossemos vaidoso não estaríamos a esta hora como um odre por termos sido o unico que previu com exactidão os resultados immediatos da dictadura?»

Oh, que imbecis! Oh, que imbecis! Pois o mais insignificante raciocinio não mostrava logo a nenhuma probabilidade da queda immediata do governo?

Que imbecis! Que imbecis! E são estes imbecis que dirigem partidos e que governam e aspiram a governar povos!

Pois não era de vêr que o rei não podia, sem se exautorar, retroceder immediatamente? Como admittiam tantos imbecis que o governo não iria alem de 24 horas, de 48 horas, de tres dsas de dictadura, como diziam e como escreviam? Atreviam-se a escreve-lo! Ainda na quarta feira uma gazeta republicana annunciava que o governo não passaria d'esse dia!

Não ha que vêr. D'escopeta na mão, ou de laço armado para apanhar traiçoeiramente o cidadão que passa descuidado, são de primeirissima ordem. Mas em sendo preciso recorrer á intelligencia, é sempre esta desgraça que se vê.

O genio portuguez cifra se na arte de roubar, de atraiçoar, de matar. Emeritos bandidos!

O rei recuará, sim, como dissémos, se visse na sua frente um grande perigo. E' evidente que o rei não está disposto, não pôde estar disposto, a jogar o throno n'uma aventura. Mas quem é que o ha de fazer recuar? Hintze Ribeiro? José Luciano? Bernardino Machado? Nossa Senhora do Juizo!

Quem é encarregado pela constituição de velar pela mesma constituição é o rei. Logo, era maior a responsabilidade do rei, concedendo a dictadura, que a de João Franco pedindo a dictadura. Então o rei, de pois de assumir uma responsabilidade de tal ordem, havia de desfazer a sua obra d'um dia para o outro, só porque os conselheiros d'Estado lhe iam dizer: olhe que vossa magestade esqueceu-se de nos consultar como manda a lei?

E' boa! Não sabia o rei que se tinha esquecido? Não saberia o rei que Hintze Ribeiro e José Luciano de Castro iam fazer beicinho?

Oh estupidez! Oh bestialidade portugueza!

Como imaginou a mentalidade, a alta mentalidade indigena, representada em tanto jornal de Lisboa e Porto, que El-Rei, espavorido, se apresaria a deitar da janella abaixo o ministerio?

Só deante de duas ou tres baterias d'artilheria. Mas onde estariam os artilheiros para carregar, assestar, e disparar as peças?

Ah brutos, que tendes o castigo que merecestes!

Homens de letras, que não vales, todos somnados, um homem de trêtas!

Peralvilhos, casquilhos, que passaes o tempo a mirar-vos na prosa artistica como as coquettes n'um espelho!

Excepção feita do Mundo, que esse, de casabeque amarello e saioa encarnado, toilette que dispensa espelho, chama da janella do bairro alto os freguezes para a... revolução. Coitado, e já está rouco de barrar, sem subir ninguem!

Soprae-lhe ás botas, soprae-lhe ás botas!

E limpa a mão á parede!

Dissémos e repetimos: a dictadura não será longa. Mas, por enquanto, aguenta se. O tempo preciso para mostrar a fraqueza do espirito liberal e a força do poder real.

Entretanto, como já morreu o Jesuino, tocae vós o hymno, ó Bernardino!

Isto era nos dias, ainda felizes! em que os bandoleiros do Mundo escreviam que jornal republicano que não fosse suspenso pactuava com o governo. Depois... até o Mundo pactuou!

Emfim, em 2 de junho concluíamos:

«Vae-se confirmando tudo quanto nós dissémos. Tudo! Os patetinhos que davam como certa a queda do ministerio em 24 horas, uns em 48 horas, outros, em 8 dias ainda outros, vão ficando com a cara que... tinham, tem, tiveram sempre e ha de ter eternamente. Jornalismo mais parvo não o ha em todo o mundo.

Perguntava Bernardino Machado, no ultimo comicio, onde estava a força do governo. Então onde estará, excelso Bernardino? Onde estará?

Na verdade, não está no parlamento. O parlamento é contra. Não está nas camaras municipaes. As camaras municipaes são contra. Não está no povo. O povo é contra. Diz agora um parvalhão, n'uma gazeta republicana, que nem está no proprio exercito, porque se no exercito ha franquistas tambem ha lá regeneradores, republicanos e progressistas.

Então onde está, excelso Bernardino? Está precisamente na franqueza d'um partido que tem como chefe o Bernardino. Está precisamente na franqueza d'um partido que tem como chefe Hintze Ribeiro e como marchas outros tão criminosos e tão comprometidos como Hintze Ribeiro. Está precisamente na franqueza d'um partido que tem como chefe José Luciano, que tem passado os ultimos annos da sua vida a ajudar a obra do engrandecimento real, e onde ha marechães da laia de Ressoano Garcia.

Não está, não. A força do governo não está na propria força. Está na fraqueza dos adversarios.

Como havia de ser forte um partido onde Affonso Costa é chefe querido, exaltado victoriado? Como havia de ser forte um partido onde tudo se caia quando Bernardino Machado põe o dedo no nariz?

Affonso Costa ou havia de tratar dos seus interesses ou dos interesses do paiz. Bernardino ou havia de passar o tempo a atirar beijinhos ás multidões, a procurar por toda a parte palmas, applausos, ovacões, a fazer a obra do elogio mutuo, a provocar a idolatria, ou a pensar em coisas serias.

Para que o partido republicano fosse um partido forte era necessario que fosse um partido de livre critica, um partido onde em vez do culto dos homens houvesse o culto dos principios, um partido de trabalho e de democracia. Não faz nada, não fará nada o partido republicano enquanto for dirigido por scepticos, ignorantes, parvos alegres e traíantes.

Sempre o temos dicto. E sempre os factos tem confirmado as nossas palavras.

Mesmo com chefes incapazes á sua frente, outro seria o destino do partido republicano se dentro d'elle houvesse um grupo de homens resolutos a affirmar resolutamente os bons principios. Completamente desorientado, o partido republicano tomou sempre como acto de perigosa indisciplina toda a critica, toda a censura, toda a opposição definida e enérgica aos desatinos dos dirigentes. Ainda n'isso como em tudo, adoptou os detestaveis processos monarchicos. Ora comprehende-se que seja perigosa qualquer opposição n'uma quadilha. Os partidos monarchicos eram logicos. Mas podia ser o partido republicano uma quadilha? Devia-o ser? Se o não podia ser, se o não devia ser, se toda a sua força havia de derivar do culto e da pratica dos principios, como marchar na senda dos partidos monarchicos, só mantidos, só ligados, só subjugados pelo interesse? Como converter o partido republicano, á imitação dos partidos monarchicos,—e só então seria perigosa a liberdade de critica dentro d'elle—n'uma quadilha?

Bernardino Machado ainda poderia ser aproveitavel, com todas as suas parvoíces e com todas as suas velhacarias, se dentro do partido republicano houvesse gente que nas assembleias lhe dissesse abertamente o que mandavam a verdade, a justiça, os interesses partidarios, os interesses nacionaes, emfim, a boa democracia. Affonso Costa, nos mesmos casos, não se teria arremessado de caheça para baixo no canhão do bandidismo. Mas quem deteve esses homens nas tendencias funestas dos seus temperamentos? Ninguem. Não faltavam republicanos, nem faltam, e fazer as ultimas contra elles—ainda processo de

LIVROS
ANALYSANDO

PINTO QUARTIM
MOCIDADE, VIVEI!
Livreria Classica Editora
A. M. Teixeira & C.ª
Praça dos Restauradores
LISBOA

Pinto Quartim foi um dos sete estudantes que, por ocasião dos últimos acontecimentos academicos, os mestres do conselho de decanos da Universidade de Coimbra quiseram honrar e beneficiar expulsando-o da sua venenosa convivencia.

Durante a sua estada ali, Pinto Quartim foi sempre um insubmisso perante o idiota autoritarismo dos pequenos reis da velha Lusa-Atheas. Um bondoso e inteligente companheiro para os que tiveram o prazer de com ele conviver. Simples e despretencioso, sem a enfática petulancia dos talentos que por ali abundam de colêta vermelho e no olho um pedaço de vidraça á guisa de ornamento.

Na hora dos lances audaciosos, quando a academia de Coimbra teve a infeliz idea de se inliguar, mostrou a sua pertinaz energia posta ao serviço de sincera revolta. Não recuou perante nenhum obstáculo porque tinha o sentimento do dever. Quando sua magestade fidelissima (deles) se resolveu a conceder o indulto aos estudantes expulsos e aos que, por sentimento de solidariedade, se tinham recusado a voltar ás aulas sem os seus companheiros, Pinto Quartim recusou esse indulto e abandonou as bancadas universitarias, como fugindo do mal de que estava proximo. Contudo, não digo que por confiar pouco na sua energia, preferiu afastar-se de vez do charco que podia engulir lo.

Eu sabia-o um rapaz corajoso e energico, sem vicios de carácter, o que neste meio já não é mau de todo. Não conhecia porém as suas ideas.

Logo que, na semana passada, vi nas montras das livrerias um trabalho seu, apressei-me a comprá-lo e li-o com interesse. Raras vezes escrevo nesta secção. Tomo hoje da penna para cordealmente felicitar o inteligente companheiro, o ex-estudante da Universidade, Pinto Quartim.

Mocidade, Vivei! é o grito duma consciencia em revolta, a primeira expansão dum espirito norteado por rumo definido. Ha por todo o livro um perfume de sinceridade que encanta e consola. Pinto Quartim denuncia naquelas paginas o seu temperamento impulsivo e energico, incapaz de transigencias humilhantes.

Ri-se-hão alguns soéticos da sua ingenuidade. E' tão desfavoravel, (e tão verdadeira!) a idea que toda a gente faz da briosa mocidade deste país, que muitos por certo não levarão a sério a idea generosa do nosso camarada que, em frases ardentes, frases de amor, procura indicar a esse rebanho que não sente, que não pensa, que olha a miseria com indiferença e a fome com desprezo, qual o caminho a seguir em face das grandes iniquidades sociais.

Agitando a bandeira da revolta, Pinto Quartim procura chamar ás ideas de redenção da humanidade os espiritos juvenis, corações generosos, que se estão perdendo em profunda letargia, provocada por uma educação egoista.

As suas exortações são dirigidas a rapazes e reparigas, no mesmo abraço de fraternal amor, num mesmo incitamento á revolta contra o mal.

O seu espirito alevantado não admite diferenças de sexos quando todos sofremos igualmente, quando a mesma dôr fêre com igual intensidade o coração humano. A mulher do povo, a filha do trabalho, escrava como o homem duma minoria que a explora, tem o incon-

testavel direito e o imperioso dever de lutar com o seu companheiro contra a sociedade burguesa, e trabalhar sem descanso pela conquista de tempos mais felizes. Tem o dever de se educar e cultivar para bem poder educar seus filhos que, homens d'amanhã tornados livres pela educação que desde a infancia mães carinhosas e cultas souberam ministrar lhes, virão juntar-se á legião dos famintos, dos escravos do capital, dos obreiros da sociedade futura.

Porisso Pinto Quartim teve o cuidado de, em frases eloquentes, embora, por vezes, com láivos de romantismo, lembrar á mulher a grandeza do papel que lhe está reservado na familia humana.

Estando na fase a que costuma chamar-se a religiosidade da idea, não admira que Pinto Quartim se deixe bastas vezes arrastar pela retórica do meridional, embora esteja convencido de que tal não sucede. Não compreendo o que o leva a escrever com iniciais maiúsculas humanidade, liberdade, belo, bem, vida, etc. Dessa forma pessoalisa em vez de generalisar, o que é deploravel.

Estas observações finaes visam a chamar a atenção do autor para as pequenas faltas de reflexão que se notam no seu livro, e ao passo que prejudicam a clareza, nos envolvem em metafisicas suspeitas.

Envio, pois, ao companheiro que chega, um caloroso abraço de saudação e amizade; e fazendo-o, cumpro o agradavel dever de prestar homenagem ao seu carácter inquebrantável, condição essencial para ser um bom defensor dos oprimidos.

HOMEM CHRISTO, Filho.

PEDRO KROPOTKINE
EM VOLTA DUMA VIDA

(MEMORIAS)

Emilio Costa traduziu e Astigildo Chaves compoz a capa.

Preço 700 réis.

EDITOR

Dias da Silva, Deposito

—Livreria do Povo,

Travessa de S. Domingos, 60

LISBOA

Do grande publico pouco é conhecido o nome do cientista russo, Pedro Kropotkine. As suas obras não tem saído do estreito ambiente em que se encontram os entes aneisios de melhores dias. Quando o seu nome sae dos seus amigos é notado como uma creatura que traz consigo a desolação, espalhando pela terra o mal. Veem nelle o revolucionario de longas barbas brancas; não sabem antevêr o grande coração que em seu peito abriga.

Estamos numa epoca de reivindicções. Todas as intelligencias se movem na comunhão de grandes ideais. Conquista-se, embora a passos lentos, o que dorme ocioso em mãos avassaladoras.

A politica, aos poucos vae succumbindo ante o gargalhar dos que lhe advinháram a tempo as perfidias basilares. A religião vae desaparecendo com a vida dos crentes sineiros, e se alguns residuos ficarem o vento saneador se encarregará de os levar para onde não façam perda nem danno. A verdade apoderando-se dos espiritos torna-os conscientes duma vida nova. Em summa, não se passa um só minuto sem que por toda a terra se não deite abaixo um preconceito, uma preocupação ritual. Todos trabalham, ás vezes na febre da inconsciencia, mas o producto aparece como parcella dominante a ajuntar-se para a somma precisa ao balanço determinado pelo mal estar que se percebe.

Dissémos acima: estamos numa epoca de reivindicções. E' um facto. Mas para que ellas sejam garantia de exito urge que tanto o estudioso como o descuidado conheçam a obra dos homens que sacrificaram e sacrificam a vida pelo povo, porque é de olhos postos nelle que o holocausto se gerou.

Jorge Brandés, o original critico dinamarquês, no prefacio da obra que está sendo analisada, descreve diferentes fases da vida de Kropotkine com o costumado brillantismo: — «Poucos homens têm conhecido como

Kropotkine todas as camadas sociais por nellas terem vivido. Que quadros!

Vemos Kropotkine ainda creança, de cabellos frisados, em travesti, de pé, junto do imperador Nicolau; vemo-lo pagem, galopando perto do imperador Alexandre, para o proteger contra perigos; vemo-lo numa prisão horrivel, tratando com altivez o Grande-duque Nicolau, e ouvindo as palavras, que dia a dia se tornam mais insensatas, dum camponez, que encerrado numa celula por debaixo da sua, perde pouco a pouco a razão.

Kropotkine viveu a vida do aristocrata e do operario; foi pagem do imperador, e foi um escritor pobre; viveu a vida do estudante, do official, do homem de sciencia, do explorador de regiões desconhecidas, do administrador e do revolucionario expulso. No exilio, teve por vezes de viver de pão e chá, como o aldeão russo; esteve sujeito á espionagem e ás tentativas d'assassinato, como um imperador da Russia.»

Por este trecho se pôde avaliar a alta figura moral do homem que ganhou fama de «uma das mais poderosas cerebregões da humanidade.»

Por uma natural successão de conhecimentos adquiridos, Kropotkine não podia deixar de alcançar o suprasumo de todas as sciencias: a sociologia. Sem a sociologia jámais poderíamos prevêr a felicidade humana. Kropotkine apoiado em altos esteios da antropologia compreendeu que a difusão dos estudos sociológicos seria cortante picarêta a abrir caminhos redemptores. E toda a sua obra de ha 30 annos a esta parte, testemunha quanta energia gasta, quanta erudição espalhada em busca de consciencias.

Em volta duma Vida é a historia da sua existencia, mas não se julgue que a personalidade de Kropotkine atrae para que o olhemos. Nada disso. O talento do autor rouba-nos a atenção para a collocar inteiramente sobre a totalidade dos factos em que elle é sempre a terceira pessoa. A historia da Russia revolucionaria é ali feita por quem nella se embrenhou com amor de revoltado e ancia de vencedor.

Kropotkine apresenta-se ao mundo intelectual sob diversas modalidades: economista, geologo, sociologo, jornalista, botanico, orador e revolucionario a que basta um gesto saído do intimo para mover a multidão que o escute atenta.

Como economista, os seus livros A Conquista do Pão, Campos, Fabricas e Oficinas, atestam quantas qualidades elle tem para ministro da fazenda. Falta-lhe a principal—caracter para sê-lo...

Como geologo e botanico provanos o seu grande amor pela natureza; a pag. 231, ao descrever a enorme impressão recebida nas montanhas da Asia: —«Na vida do homem, não ha muitas alegrias eguaes á de ver surgir de repente uma teoria illuminando o espirito, depois dum periodo de pacientes buscas. O que durante annos parecia tão cahotico, tão contraditorio e tão problematico, fórma repentinamente um conjunto harmonioso. Da confusão aterradora dos factos, do nevoeiro das hypotheses—apenas nascidas, logo atacadas—surge um quadro imponente, como uma cordilheira alpina emergindo de repente em toda a sua magnificencia das névoas que um momento antes a envolviám e brilhando aos raios do sol em toda a sua simplicidade e variedade, em toda a sua força e belleza. E quando a teoria é submetida á prova, quando ella se applica a centenas de factos isolados que pareciam momentos antes irremediavelmente contraditorios, cada facto desses se colloca no logar que lhe é proprio augmentando desta fórma o efeito produzido pelo quadro, accentuando aqui uma linha característica ajuntando mais longe um detalhe imprevisto mas importante. A teoria consolida-se e desenvolve-se; os seus alicerces alargam-se e firmam-se; emquanto que ao longe, atravez das brumas do horizonte longiquo, o olhar advinha os contornos de novas theorias mais vastas ainda. Quem uma vez sentiu a alegria da criação scientifica, nunca mais a esquece; tarde a poderá renovar; e sofrerá pensando que esta especie de alegria pertence a um bem pequeno numero dentre nós, emquan-

to que tanta gente a poderia experimentar, com mais ou menos intensidade, se os methodos scientificos e os vagares não fossem privilegio dum punhado d'homens.» (Em volta d'uma Vida).

Como sociologo é vastissima a galeria de todos os trabalhos escriptos sobre o assumpto; á elle se tem dedicado o grande pensador. Correm impressas, quer em folhetos ou grossos volumes tudo que concebeu sempre na mira de que contribue para o advento duma nova humanidade. As Prisões, Palavras d'um rebelde, (collecção de artigos notaveis), e o seu bello livro, O Auxilio Mutuo, em que prova com dados irrefutaveis a solidariedade que existe nos animaes inferiores, dando-nos a cruel lição de que só entre os homens ella não se encontra, são tudo elementos de baze segura para quem se sinta com gosto de estudar sociologia.

Como jornalista, lá estão os importantes jornaes inglezes The Times e Daily News a atestar o seu grande merito quando uma questão mundial se debate e a palavra escripta do cientista é acatada. Bom é que se saiba que os importantes órgãos londrinos pagam carissimo a colaboração desejada, não porque ella só lhes dê honra, mas porque as edições desse dia se esgotam e são mais uns contos de reis a enriquecer os cresus da imprensa. Kropotkine é, por vezes, procurado pelas mais altas notabilidades inglezas que o vão consultar sobre politica como que a desenredar a teia em que se envolveram. O producto material que a consulta rende é para a manutenção dos camaradas pobres que exilam em Londres, e para os grandes movimentos revolucionarios internacionaes.

Como orador, sabemos que inumeras conferencias tem feito e é tal a sinceridade que emprega no tom em que falla que por completo dispõe do auditorio absórto. Não emprega frases em que o empolado substitua o natural. Com uma logica de ferro emudece os mais renitentes, mas não se julgue que haja auctoritarismo na exposição do thema. Pelo contrario. Kropotkine receia que alguém saia sem o ter comprehendido; isso seria para elle razão de desgosto, porque odeia ambiguidades que só servem para afastar boas vontados.

Como agitador revolucionario, damos a palavra a Jorge Brandés que o conhece pessoalmente: —«O auctor declara-se revolucionario e com toda a razão. Mas raramente terá havido revolucionario tão humano e tão meigo.»

«Não impõe sacrificios aos outros; reserva-os para si. Toda a sua vida assim procedeu, mas parece que os sacrificios não lhe custaram muito, tão pouco caso faz delles. E com toda esta energia, elle está tão longe de possuir espirito de vingança, que a proposito dum medico da sua prisão, repugnante personagem, contenta-se em dizer: «Quanto menos nelle se fallar, tanto melhor.»

E' um revolucionario sem enfase e sem decoraçáo. Ri-se dos juramentos e das cerimoniaes que ligam os conspiradores dos dramas e das operas. Este homem é a simplicidade em pessoa. Quanto ao carácter, pôde suportar a comparação com todos que têm lutado pela liberdade. Nenhum tem sido mais desinteressado que elle, nenhum tem mais do que elle, amado a humanidade.

Mas elle não me permitiria de pôr no frontespicio do seu livro, todo o bem que penso delle, e se eu o fizesse, ultrapassaria os limites dum prefacio razoavel.»

Parece-nos ter apresentado condignamente a personalidade moral e intellectual do principe Pedro Kropotkine. Chamámos-lhe: principe, para pôr bem em fóco, como uma individualidade tão altamente generosa desceu até ao povo; descen, não! Subiu ao povo, porque da baixaza fugiu Kropotkine para ser o que hoje é.

Razão teve Octavio Mirbeau, ao pôr na bocca dum dos personagens da sua peça Os Maus Pastores: — «Não há homens maus; o que há são corações afastados.»

E o coração de Kropotkine andava afastado...

JOSÉ SIMÕES COELHO.

FÁBRICA DOS SITOS MARTYRES

DE **CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5.5000
- Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6.5000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—18.^a ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia práctico e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripção**—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500
- De mesmo auctor:
- LITTERATURA**
- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E **FERRAGENS**
—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alviadas, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 45—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

DE **Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade da areia agría e macia, e contraria ás saunhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA

AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinha, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasso o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afin de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquellos que em Aveiro precisem de alojamentos ou queesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na

Officina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança

de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 111, no L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis. Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importância, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

POVO DE AVEIRO
—DE—
TYPOGRAPHIA
—DE—
ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chunbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinehas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «**PAFF**», White e outros auctores.

Bicycletas «**BRISTOL**», «**TRIUMPH**», «**OSMOND**», «**GUITYNER**» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

—E—

BICYCLETTES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fneza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.